



RESUMO EXPANDIDO (ENFERMAGEM)

O PROFISSIONAL ENFERMEIRO UMA VISÃO SOBRE VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA NO PARTO E NASCIMENTO

Amanda Alves de Oliveira
Geiciane Rafaela
Natielli da Silva Zambiasi
Raiane Alves Leite

Acadêmicos do 8º período do Curso de Bacharelado em Enfermagem da Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA

Eliel Fábio da Silva Paixão
Fabiola de Souza Ronconi

Enfermeiros, Profs. Esp. do Curso de Bacharelado em Enfermagem da Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA (Orientadores).

Submetido: 30 jan. 2020.

Publicado: 26 ago. 2020.

E-mail para correspondência:

enfermagem@faema.edu.br

Este é um trabalho de acesso aberto e distribuído sob os Termos da *Creative Commons Attribution License*. A licença permite o uso, a distribuição e a reprodução irrestrita, em qualquer meio, desde que creditado as fontes originais. Imagem: StockPhotos (Todos os direitos reservados).



Open Access

Introdução

A violência obstétrica está definida de forma contextual como qualquer ato ou intervenção direcionada à parturiente e ao seu bebê praticado sem o consentimento informado pela mulher ou o desrespeito à sua integralidade física e mental, suas ações, preferências e os seus sentimentos. Esse tipo de violência vem ganhando enormes proporções em nível mundial, presente nas comunidades que afeta todas as pessoas independente de sua posição social, etnia, raça ou crença ⁽¹⁾. O abuso e o desrespeito causado durante o pré-natal e/ou o parto é uma violação dos direitos humanos conforme consta na lei nº 4.319 de março de 1964 ⁽¹⁾. Para a prestação de cuidados obstétricos antes, durante e depois do parto deve-se primeiro conhecer os direitos legais de toda mulher assim como: receber tratamento livre de danos e maus-tratos, obter informação consentimento esclarecido com possibilidade de recusa e garantia de respeito as suas escolhas e preferências, compreendendo o direito ao acompanhante durante todo o período de internação, privacidade e sigilo, assim como receber tratamento digno e respeitoso, atendimentos igualitário, livre de discriminação e atenção equitativa, ter o melhor atendimento possível tanto em relação aos cuidados profissionais quanto a estrutura física hospitalar disponível ⁽²⁾. Através de análises realizadas com profissionais de saúde observou-se que a sobrecarga de serviço, as condições estruturais do ambiente de trabalho, assim como a precariedade com relação aos recursos humanos e materiais e ainda dificuldades de relacionamentos entre os profissionais e/ ou com os pacientes, são os principais motivos que fazem aumentar o acontecimento dessa VO. Esta publicação visa demonstrar que a violência obstétrica ainda existe por trás das portas de um ambiente hospitalar ⁽³⁾.



Material e Métodos

O presente resumo trata-se de uma pesquisa de revisão de literatura, onde os achados foram pesquisados em bases de dados da Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), SCIELO e fontes da Biblioteca da FAEMA. A pesquisa foi realizada em maio de 2019. O delineamento temporal foi dos anos de 2009 a 2019.

Resultados e Discussão

De acordo com as pesquisas utilizadas os principais tipos de VO que são frequentemente realizadas nas maternidades do Brasil são: imposição da posição litotômica (posição ginecológica) para parir (92%), episiotomia (56%), uso de ocitocina de rotina e amniotomia (40%) e manobra de kristeller (37%) ⁽⁴⁾. O parto passou a ser um evento médico e a mãe não está mais sendo tratada como protagonista essencial do seu parto desta forma apenas o profissional é centralizado, os profissionais influenciam os procedimentos cirúrgicos (cesáreas) na maioria das vezes visando um lucro financeiro já que este procedimento é mais caro no setor privado ⁽⁵⁾.

É importante ressaltar para as mães que elas têm os seus direitos assegurados e podem se reportar sobre o acontecido a um profissional de confiança ou um membro de sua família, para que outras pacientes não passem pela mesma situação ⁽⁶⁾. As vontades da parturiente devem ser colocadas em primeiro lugar durante todo o procedimento de parto a menos que haja alguma intercorrência todo seu plano de parto deve ser seguido ⁽⁷⁾.



Conclusões

Contribuir para que a visibilidade do problema da violência obstétrica presente na assistência ao parto abra caminhos para a discussão de políticas de atenção a mulher a fim de obter uma melhoria na qualidade da assistência materno-infantil ⁽⁸⁾. Esta mudança virá quando o entendimento sobre o parto for mudado, quando o parto deixar de ser visto como um evento médico hospitalar e passar a ser entendido como um evento totalmente humano, a partir deste reconhecimento convicto haverá ouvidos atentos para escutar a voz feminina com resgate de sua autonomia e a sua liberdade de escolha em questões relacionadas ao seu processo de parto e nascimento ^(9,10,11).

Palavras-chave: Violência Obstétrica. Mulher. Parto.

Referências

1. Moura LJAS, Andrade GCMC, Santos NF, Santana TS, Musse JO. Violência Obstétrica - papel do enfermeiro. International Nursing Congress. 2017;1(1):1-3.
2. Rodrigues DP, Alves VH, Vieira RS, Leão DCMR, Paula EP, Machado MM. A violência obstétrica no contexto do parto e nascimento. Revista de Enfermagem. 2018;12(1):236-246.
3. Leal MC, Torres JÁ, Domingues RMSM, Theme Filha MM, Bittencourt S, Dias MAB et al. Nascer no Brasil: Inquérito nacional sobre parto e nascimento. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2017.



4. Dias RL, Silva AA, Pereira BB, Pereira JSC, Azevedo MB, Gomez SKC. Violência Obstétrica: perspectiva da enfermagem. Revista Rede de Cuidados em Saúde. 2015;9(2):1-4.
5. Leas RE, Cifuentes DJ. Parto humanizado: contribuições do enfermeiro obstetra. Rev Ciênc Cidadania. 2016;2(1):74-90.
6. Rodrigues DP, Alves VH, Penna LHG, Pereira AV, Branco MBLR, Souza RMP. O descumprimento da lei do acompanhante como agravo à saúde obstétrica. Texto Contexto Enferm. 2017;26(3):1-10.
7. Andrade PON, Silva JQP, Diniz CMM, Caminha MFC. Fatores associados a violência obstétrica na assistência ao parto vaginal em uma maternidade de alta complexidade de Recife, Pernambuco. Rev Bras Saúde Matern Infantil. 2016;16(1):29-37.
8. Bradt GP, Souza SJP, Migoto MT, Weigert SP. Violência obstétrica: a verdadeira dor do parto. Revista Gestão e Saúde. 2018;19(1):19-37.
9. Oliveira VJ, Penna CMM. O discurso da violência obstétrica na voz das mulheres e dos profissionais de saúde. Texto Contexto Enferm. 2017;26(2):1-10.
10. Silva MG, Marcelino MC, Rodrigues LSP, Toro RC, Shimo AKK. Violência obstétrica na voz de enfermeiras obstetras. Revista Renê. 2014;15(4):820-8.
11. Cardoso FJC, Costa, ACM, Almeida MM, Santos TS, Oliveira FBM. Violência obstétrica institucional no parto: percepção dos profissionais da saúde. Revista de Enfermagem. 2017;11(9):3346-3353.